



Noites Assombrosas

O Bicho Gato

Jossi Borges



CONTO

Série Noites Assombrosas:

O Bicho Tutu

Jossi Borges

Apoio:

[Amor & Livros](#)

EU NUNCA DEI MUITA ATENÇÃO para as histórias de minha Tia Ziza. Ela tinha o costume de nos convidar, minha irmã Jeanne e eu, para passar as férias em seu sítio, em Bocaiúva do Sul, uma cidadezinha mais ou menos próxima de Curitiba.

Era muito divertido, porque a chácara era grande, com uma pradaria verdinha, verdinha, pinheirais, um lago onde meu tio Deô costumava pescar e muitas árvores cheias de frutas.

Eu e Jeanne gostávamos realmente era de passear a cavalo, mas ela tinha mais medo que eu. Naturalmente, pois era mais nova, tinha apenas sete anos. Eu, com dez anos - quase onze -, metia-me a cavaleiro e gostava de me imaginar como um cavaleiro medieval, como nos jogos de estratégia que jogava no computador. Levava um galho de árvore seco numa mão, como se fosse minha lança e investia contra bestas imaginárias, enquanto o tostado gordo e manso trotava pelas imediações. Meu tio Deolindo, Deô como ele preferia ser chamado, ficava de olho, pois não confiava em mim. Talvez ele achasse que eu ia perder o controle do cavalo.

Outra coisa que eu e Jeanne também adorávamos, era nos embrenhar no bosque, que ficava no final de um morrinho, nos fundos da casa dos meus tios, mas isso era sempre visto com certo receio por eles. Não entendo por que. Ou melhor, hoje entendo.

Minha tia gostava de contar "causos" de "visagens" ou assombrações do bosque, que costumavam infernizá-los durante a noite... Eu e Jeanne, que nos criamos no centro de Curitiba, ouvíamos todas aquelas lendas contadas por eles com um sorriso. Era divertido, eu confesso. Jeanne, sorrindo abertamente e às vezes até dando gargalhadas, dizia sem o menor pudor:

— Tia Ziza, essas coisas não existem!

Ela apenas tornava a sorrir e respondia:

— Claro, filhinha. Você está certa. Mas eu prefiro que vocês não se embrenhem demais no mato, tá bem? É que... é que... bem, vocês podem se perder.

— Mas nos perder como, tia Ziza? - Eu retrucava, exasperado. - O bosque nem é tão grande assim. Você mesma disse.

— Bom, são cinco alqueires de mata - dizia ela, embora eu não entendesse direito o que eram "cinco alqueires". Talvez fosse o tamanho de cinco campos de futebol, eu pensei. Então, nesse caso, era mais ou menos grande.

— O pior de tudo, gente, é à noite. Não quero vocês dois passeando pelo bosque depois das cinco da tarde.

— Mas às cinco horas é dia! – Eu reclamava. – Ainda tem sol, e...

— Não aqui no mato – dizia Tia Ziza. – Aqui escurece muito cedo e dentro da mata é ainda mais escuro.

— Ah. Mas e o que tem de mais? – Eu insistia. – Não tem problema, nós não vamos nos perder.

Tia Ziza, enxugando as mãos no seu avental xadrez, perdia a paciência comigo.

— Já falei, João Ricardo! Tem *coisas* no mato, que... não são nada bonzinhos com crianças.

— Coisas? Que tipo de *coisas*, Tia?

— Que tipo? Como... o Bicho Tutu, por exemplo.

Eu só ria como um doido. Jeanne, mais sensata que eu, arregalava mais os olhos, embora ainda não acreditasse totalmente na história.

Na segunda noite daquelas férias de 2008, porém, eu passei a dar ouvidos de verdade às coisas que Tia Ziza e Tio Deô nos contavam.

Tínhamos passeado o dia inteiro, andado a cavalo, brincado com os patos no lago, pescado com o tio, comido frutas no pomar e até mesmo ido passear no bosque, acompanhados de Brasa, o vira-latas preto e assanhado de meus tios.

Às nove horas da noite estávamos tão cansados, que mal tínhamos vontade de assistir o filme que tio Deô tinha locado para assistirmos. Eu ainda pensava um pouco na história do tal Bicho Tutu, quando dei boas noites para eles e fui para o quarto no final do corredor, onde eu dormiria sozinho. Quando, porém, notei que a única luz que iluminava o corredor era a da tevê, na sala de estar, resolvi voltar atrás... Parei no meio da sala. Tia Ziza me olhou, confusa.

— Você não vai mais para cama, Ricardinho?

— Vou, tia. É que fiquei lembrando daquela sua história, do Bicho Tutu. O que é isso? É algum tipo de Bicho-papão?

Os tios trocaram um olhar. Então a tia falou:

— Não passa de uma lenda antiga, Ricardinho. É só uma lenda velha, nada mais.

— Conte-me, tia. Eu gosto... de lendas velhas.

— Bobagem – disse o tio Deô, mais sério e dando um suspiro irritado. – Você não devia contar essas bobagens para as crianças, Ziza. Isso vai tirar o sono deles.

4

— Não, tio. A Jeanne já está dormindo, ela cai na cama e dorme feito uma pedra. Ninguém acorda ela. Nada. O mundo pode cair, o céu desaba e a Jeanne não acorda. E eu... bom, eu não acredito em nenhuma história de Bichos-Papões, é claro.

Eu falei, cruzando os braços, como ar levemente irônico.

Tia Ziza pensou um pouco e então falou:

— O Bicho-Tutu, na minha terra, lá na Bahia, é também chamado de Tutu-Marambaia ou Tutu-Zambeta. A minha avó, que era descendente de escravos, dizia que na África o Tutu era um mito muito antigo. Uma assombração que aparecia à noite para as crianças que não queriam dormir. Ou que desobedeciam aos pais. Uma espécie de Bicho Papão.

— Ah, já sei – eu dei uma risadinha. – Tá certo. Era um mito, desses que a gente tanto ouve falar, como o Saci, o Boitatá e tantos outros.

Tio Deô ergueu uma sobrancelha e falou, muito sério:

— Nem toda lenda é apenas *lenda*. Algumas são reais. Mas isso já não é assunto para hoje, certo? Vá dormir, Ricardinho. Você está com os olhos mortíferos de sono.

Eu obedeci e voltei, meio correndo, para o meu quarto. Acendi a luz assim que entrei e dei uma boa olhada em torno. Tudo bem. Nada de anormal. Fui até a janela e puxei as cortinas, para não ter que olhar a escuridão total das árvores do bosque, lá fora. E também, para não levar nenhum possível susto caso acordasse no meio da noite e...

Eu estivera sonhando, um sonho muito esquisito. Nele, eu corria através do bosque, fugindo de alguma coisa. Mas era noite, o bosque estava escuro demais e várias luzinhas azuis piscavam no alto das árvores, enquanto a coisa me perseguia, rugindo e roncando como um porco bravo.

Acordei, com a testa suada. Tinha ouvido um barulho qualquer no meu quarto? Não lembro. Só o que percebi e que me encheu de medo, foi que a luz estava apagada. E lembro de ter deitado com ela acesa.

Ora, tia Ziza deve ter vindo apagá-la, com certeza.

Tentei não me alarmar, mas novamente o ruído.

Apurei os ouvidos: Parecia vir lá de fora, como se alguma coisa arranhasse a parede. Rec-rec-rec-rec. Eu gelei na minha cama, cobrindo a cabeça com os cobertores. Comecei a tremer. Depois pensei no cachorro dos tios, Brasa. Com certeza, era Brasa se coçando contra a parede. Mas, espere. Brasa não ficava ali, ele estava preso à corrente, junto da sua casinha, na parte frontal da casa.

5

Não podia ser Brasa, exceto se ele se tivesse soltado da coleira.

Rec-rec-rec-rec-reeeeeeec.

Eu comecei a tremer.

E então, erguendo a ponta do cobertor, resolvi olhar pelo quarto. Foi a maior besteira que fiz na vida.

As cortinas, que eu havia puxado com tanto empenho antes de dormir, também estavam abertas, a janela escancarada e por ela, entrava o vento frio da noite. Mas não só o vento. Havia uma *coisa* lá fora. Uma coisa alta, enorme, escura, que não dava para distinguir direito, exceto as duas brasinhas que brilhavam no meio do negrume e que, eu suponho, deviam ser os olhos da *coisa*.

E depois, ouvi uma musiquinha, uma musiquinha de ninar em voz de menina, cantando:

*Calai, menino, calai,
Calai, que lá vem tutu,
Que no mato tem um bicho
Chamado Carrapatu.ⁱⁱ*

Quem cantava: Que voz era aquela, que *coisa* era aquela na minha janela? De repente, ouvi os latidos de Brasa, ferozes, encarniçados. O cachorro, coitado, devia ter visto ou pressentido o Bicho também!

E então, a sombra enorme na janela pareceu virar-se de um lado e de outro. Os latidos de Brasa ficaram mais fortes, mais irritados, enquanto os rosnados aumentavam também, deixando a criatura mais confusa. E ela começou e se mexer mais, se afastando da janela.

O barulho do cachorro deve ter acordado a casa inteira, porque em poucos minutos as luzes do corredor se acenderam.

A cantiga misteriosa cessou. A sombra da janela desaparecera. A porta de meu quarto se abriu e tia Ziza entrou correndo, com um ar preocupado.

— Tiaaaaaaaa! – Eu berrei, me pondo sentado na cama, tremendo sem parar. – Eu vi o Tutu! Eu vi, eu vi, ele estava... na janela... era uma sombra enorme...

— Calma, calma, meu filho!

Tia Ziza me abraçou, afagando meus cabelos com carinho, enquanto tio Deô estava diante da janela aberta, com uma lanterna na mão, olhando lá fora.

— Não está aqui – ele disse, com ar sério. – Ele deve ter ido embora. Os latidos de Brasa o mandaram de volta para a mata.

— Então... é verdade? – Eu perguntei, ainda trêmulo.

— Hum... – disse tio Deô, fechando a janela. – Sim e não. Essas coisas não costumam aparecer muito por aqui, porque não temos muitas visitas de crianças arteiras.

— O que o senhor quer dizer? – Perguntei, irritado e ainda trêmulo.

— Não se amofine, Ricardinho. O Bicho-Tutu nunca volta depois que a criança o vê e leva um susto enorme, como o que você levou. Eles são uma espécie de “guardiões malvados” das crianças desobedientes. Mas se os pais, os adultos os repreendem, eles nunca mais retornam. Eu também o vi, quando era criança, certa vez... Eu tinha desobedecido meu pai e ficado brincando no terreiro de casa, até altas horas da noite, com outros meninos. Na mesma noite, vi a sombra dentro do meu quarto. Mas foi um instante só, logo meus pais entraram correndo, acenderam a luz e... puf! A coisa sumiu.

— O senhor só pode estar debochando – eu disse. – Eu não acredito nessas coisas, são lendas!

— É, são lendas. – Meu tio sorriu. – Ninguém nunca provou que não são. Ou que são. Tudo o que sei, é que às vezes elas parecem reais. Talvez seja apenas a consciência de uma criança desobediente, sei lá...

— Mas eu não desobedeci... exceto por ter ido passear no bosque, com Jeanne. E ter ficado lá por um tempão. Fora isso, não fiz nada de errado – eu reclamei.

— Claro que não – disse tia Ziza, ainda com o braço em torno de meu ombro. – Isso foi só um sonho, querido. Não pense mais nisso. Como você mesmo disse, é só *uma lenda*. E você se impressionou com o que nós dissemos, sonhou e acordou no escuro, achando que o sonho era real. Não,

não existem tais coisas... são apenas histórias que as antigas babás negras contavam para as crianças, para obrigá-las e ficar na cama e dormir.

— Como eu disse, Ricardo – tornou o tio, ainda sério, como se não tivesse ouvido tia Ziza – o Tutu não volta mais depois que os pais ou outros adultos o repreendem. E eu o repreendi. Assim que ouvi os latidos de Brasa.

7

Essa foi minha primeira e última aventura com o tal Tutu, Tutu-Marambaia ou Tutu-Zambê, ainda bem. Até hoje não posso alegar com certeza se a lenda é real, se o Bicho foi se embora por causa da “repreensão” de tio Deô... ou se de tudo não passou de um pesadelo muito vívido, alimentado pelos medos de um menino que se considerava o mais corajoso do mundo.

O fato é que, quando meus tios me convidam para ir passear lá, eu nunca mais durmo sozinho. Ainda vou, claro. Gosto muito do sítio e das coisas bacanas que tem lá... Mas desde aquele dia, passei a dormir na sala de estar, no sofá, com todas as luzes da casa acesa.

Ah, e claro: Sempre peço que Brasa seja trazido para dentro de casa. Ele dorme aos pés do sofá, no grande tapete vermelho e azul de crochê, feliz da vida. Quando acordo, é sempre a cara preta, de focinho longo e amistosos olhos castanhos que vejo, enquanto a cauda bate no chão, como um feio e simpático anjo da guarda.

NOTAS:

ⁱ Luís da Câmara Cascudo registra em *Geografia dos Mitos Brasileiros*, variantes diversas do “Bicho-Tutu”. Na Bahia é conhecido como Tutu-Zambeta, uma palavra afro-indígena de “*tutu*” (do quimbundo ou angolês) e *tatetu*, do tupi que significa “dentes aguçados”. Assim, o Bicho-Tutu ou Tutu-Zambeta, em alguns Estados brasileiros, é um mito híbrido, de origem africana e indígena. Espécie de ogro, duende ou assombração noturna, usada antigamente para assustar as crianças e fazê-las dormir sob pena de serem assombradas pelo Bicho-Tutu, Bicho-Papão ou Tutu.

ⁱⁱ *Cantigas do Berço*, registrada por Luís da Câmara Cascudo, *Geografia dos Mitos Brasileiros*, in *Ciclo da Angústia Infantil, Tutu*.